

**EDVALDO DE FARIAS
(ORGANIZADOR)**



AVALIAÇÃO, ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE

Atena
Editora

Ano 2019

**EDVALDO DE FARIAS
(ORGANIZADOR)**



AVALIAÇÃO, ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	Avaliação, atividade física e saúde [recurso eletrônico] / Organizador Edvaldo de Farias. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF. Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-767-3 DOI 10.22533/at.ed.673191111 1. Educação física – Pesquisa – Brasil. I. Farias Edvaldo de. CDD 613.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A coleção “**Avaliação, Atividade Física e Saúde**” tem como foco central a apresentação e discussão científica, construída a partir da publicação de produção científica relevante, abordando temáticas contemporâneas e que, por isso mesmo, demanda uma atenção de todos os profissionais de saúde, e especificamente aqueles ligados aos exercícios físicos, esportes e atividades físicas orientadas.

A produção teórica, construída com base na experiência práticas do autores, compõe os capítulos da obra e abordam temáticas diversificadas, que vão desde a performance e alto rendimento, até as questões relacionados à aprendizagem e desenvolvimento motor de crianças e jovens com e sem deficiências, passando pelos esteroides anabolizantes, modalidades diferenciadas de treinamento, diferentes modalidades esportivas, políticas públicas e mais uma série de assuntos de altíssima relevância e que fazem parte do cotidiano de todos os profissionais que lidam com o movimento humano nas sua múltiplas dimensões.

Porém, se por um lado a obra apresenta uma diversidade temática de alta variabilidade, por outro podemos afirmar com assertividade que há em todas elas, um eixo norteador e um elemento comum: as pessoas e a melhoria da qualidade de suas vidas.

Seja na dimensão esportiva, nos níveis de iniciação ou alto rendimento, ou seja no desenvolvimento psicomotor e na melhoria das condições de vida, independente de gênero, idade, ou mesmo localização física, o fato concreto é que o diferencial desta obra, como não poderia deixar de ser, é a preocupação com a dimensão humana e suas práticas físico-esportiva-educativas, dado que nelas é que o ser humano humaniza-se e melhora sua condição de vida.

Com isso, seja na abordagem e discussão de políticas públicas, ou na falta delas, seja pela obrigação de inclusão dos excluídos do direito de ter uma vida melhor, a obra se propõe a contribuir com discussões pertinentes, atuais, instigadoras e, porque não dizer, provocativas em relação a um **o que podemos fazer** para que a sociedade brasileira alcance níveis melhores em suas condições de vida por meio da prática de exercícios físicos, esportes, lazer ativo ou mesmo na dimensão escolar, onde mais do que aprender conteúdos se aprendem valores e princípios que ecoam ao longo da vida.

Dentre estes valores, e certamente esta é a crença dos autores que nos apresentam suas produções nesta obra, é possível *construir um hábito* da busca constante por um estilo de vida saudável, ativo e positivo, e é exatamente com isso que “**Avaliação, Atividade Física e Saúde**” pretende contribuir teoricamente com as publicações que a compõem.

Na missão de oferecer uma plataforma que propicie a divulgação científica, a editora Atena nos presenteia com mais uma produção capaz de oferecer acesso à elaboração teórica baseada em experiências práticas de seus autores, criando

com isso condições, sobretudo aos acadêmicos (estudantes) que a consomem, de capacitação continuada e empoderamento (*empowerment*) das suas carreiras profissionais criando, com isso, condições para um entendimento sofisticado e, por conseguinte, a capacidade de posicionamentos e futuras prescrições e orientações mais consistentes e assertivas.

Em síntese, é exatamente nesse contexto que, cumprindo sua missão, se insere e faz sentido a publicação deste livro pela Atena Editora. Fornecer subsídios capazes de favorecer a construção de conhecimento a partir das interfaces de saberes de diferentes autores, com foco na análise pessoal crítica, com vistas à sofisticação progressivamente vez maior na construção de carreiras com qualidade e diferenciadas.

Desejamos a todos, boas leituras!!

Edvaldo de Farias

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 1

A INFLUÊNCIA DA CAFEÍNA NO DESEMPENHO MOTOR HUMANO

George Antonio Pimentel dos Santos
Drumond Gilo da Silva
Lucas Savassi Figueiredo
Fabiano de Souza Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.6731911111

CAPÍTULO 2 13

ANÁLISE DA PROPRIOCEPÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE CRIANÇAS ENTRE 05 A 07 ANOS PRATICANTES DE NATAÇÃO

Gabriel Loureiro Lima

DOI 10.22533/at.ed.6731911112

CAPÍTULO 3 25

ASSOCIAÇÃO DO USO DE ESTERÓIDES ANABOLIZANTES ANDROGÊNICOS NÃO ORIENTADOS E SEUS PRINCIPAIS EFEITOS COLATERAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Ygor Teixeira
Priscylla Tavares Almeida
Maria Auxiliadora Macêdo Callou
Richelle Moreira Marques
Ana Rachel Vieira Amorim
Monyelle de Oliveira Calistro
Samara Mendes de Sousa
Joaquim Douglas Alves Diniz
Thaís da Conceição Pereira
Reginaldo Inácio da Silva
Mariana Machado Bueno
Laurineide Rocha Lima

DOI 10.22533/at.ed.6731911113

CAPÍTULO 4 30

ATIVIDADE ENZIMÁTICA DA SUPERÓXIDO DISMUTASE EM RATOS SUBMETIDOS AO MODELO EXPERIMENTAL DE ALZHEIMER E SUPLEMENTADOS COM MELATONINA

Isabele Dutra de Aguiar
Francisco Bruno Felipe da Silva
Israel Barbosa de Albuquerque
Paula Matias Soares
Vânia Marilande Ceccatto
Welton Daniel Nogueira Godinho

DOI 10.22533/at.ed.6731911114

CAPÍTULO 5 32

BENEFÍCIOS DEL JUEGO, LA ACTIVIDAD FÍSICA Y EL DEPORTE EN EL ALUMNADO CON SÍNDROME DE DOWN

José Eugenio Rodríguez-Fernández
Mary Ely Rodríguez Blanco
Jorge Rodríguez Serrada

DOI 10.22533/at.ed.6731911115

CAPÍTULO 6	44
BENEFÍCIOS E RECOMENDAÇÕES DO TREINAMENTO DE FORÇA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES	
José Antônio dos Santos Fonseca Drumond Gilo da Silva Lucas Savassi Figueiredo Fabiano de Souza Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.6731911116	
CAPÍTULO 7	57
O TREINAMENTO DE UMA EQUIPE DE FUTSAL ESCOLAR DE FORTALEZA POR UM MODELO DE JOGO ADAPTADO	
Pedro Henrique Nascimento Moraes Aline Lima Torres Bruna Oliveira Alves Caio Cesar da Silva Araújo Elainny Patrícia Lima Barros Mabelle Maia Mota Otávio Nogueira Balzano	
DOI 10.22533/at.ed.6731911117	
CAPÍTULO 8	65
CONTRIBUIÇÕES DE UM PROJETO ESPORTIVO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: PROJETO APABB- UFRN	
Liege Carlos Silva de Lima Paulo Moreira Silva Dantas Abraão Lincoln Santos de Andrade Carlindo Daniel de Medeiros Lopes Ferreira Felipe Veloso da Silva Jéssica Paula Silva de Lima Carlos Jean Damasceno de Goes Renata Rangel Barboza Maria Aparecida Dias	
DOI 10.22533/at.ed.6731911118	
CAPÍTULO 9	76
EDUCAÇÃO FÍSICA E OS TEMAS TRANSVERSAIS	
Meriane Teixeira de Matos Lionela da Silva Corrêa Evandro Jorge Souza Ribeiro Cabo Verde	
DOI 10.22533/at.ed.6731911119	
CAPÍTULO 10	92
EFEITOS DO TREINAMENTO INTERVALADO DE ALTA INTENSIDADE SOBRE A COMPOSIÇÃO CORPORAL E AS VARIÁVEIS HEMODINAMICAS EM MULHERES	
Thalita Bento de Oliveira Taysa Gomes de Souza Hudday Mendes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67319111110	

CAPÍTULO 11	101
EFEITOS FISIOLÓGICOS DO CHI KUNG SOB A ÓTICA DO PRATICANTE	
Maria Clara Sousa Jales Roberta de Oliveira Costa Bruno Feitosa Policarpo Raimundo Auricelio Vieira Demétrius Cavalcanti Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.67319111111	
CAPÍTULO 12	115
ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DESPORTIVAS PARA O MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS – RJ	
Franklin José Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.67319111112	
CAPÍTULO 13	126
ESTIMULAÇÃO PSICOMOTORA NA ATUAÇÃO DE PROFESSORAS PEDAGOGAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Janaína Maria de Souza Silva Kessiane Fernandes Nascimento Gardenia Coelho Viana Sarah Galdino Dos Santos Íris Caroline Mendes Braz Neurismar Araújo de Souza Gabriel Campelo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.67319111113	
CAPÍTULO 14	133
EXERCÍCIO FÍSICO E SAÚDE MENTAL DO IDOSO	
Kaique Sudério Pereira Francisca Sueli Farias Nunes Heraldo Simões Ferreira Luiza Lúila Feitosa Simões Maria Adriana Borges dos Santos Symon Tiago Brandão de Souza Thaidys da Conceição Lima do Monte	
DOI 10.22533/at.ed.67319111114	
CAPÍTULO 15	140
FUNCIONALIDADE MOTORA E ESTADO NUTRICIONAL DE PACIENTES HOSPITALIZADOS	
Walkiria Shimoya-Bittencourt Jéssica Ferreira de Lima Rosilda Pereira dos Santos Viviane Martins Santos	
DOI 10.22533/at.ed.67319111115	
CAPÍTULO 16	153
INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Francisca Sueli Farias Nunes Daniele da Silva Nascimento	

Luciana Fialho Rocha Santa Rosa
Luiza Lúlia Feitosa Simões
Maria Adriana Borges dos Santos
Paulo Gabriel Lima da Rocha
Thaidys da Conceição Lima do Monte

DOI 10.22533/at.ed.67319111116

CAPÍTULO 17 160

INTERFACES DA SUBJETIVIDADE E DA MOTIVAÇÃO NO ÂMBITO DAS
ATIVIDADES DE AVENTURA: UM ESTUDO DE CASO NO CICLISMO

Ana Cristina Pimentel Carneiro de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.67319111117

CAPÍTULO 18 168

INVESTIGAÇÃO DO MÉTODO TRADICIONAL E DO MÉTODO SISTÊMICO NAS
ESCOLAS PRIVADAS DO MUNICÍPIO DE CAICÓ NO DESENVOLVIMENTO DO
FUTSAL

Alvaro Luis Pessoa de Farias
Walgrenio de Medeiros Alves

DOI 10.22533/at.ed.67319111118

CAPÍTULO 19 180

JOGOS RECREATIVOS: RESSIGNIFICANDO AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NO ENSINO MÉDIO

Cristiane Severo
Ângela Bortoli Jahn
Marcelo Rodrigues Lunardi

DOI 10.22533/at.ed.67319111119

CAPÍTULO 20 193

MOTIVOS PARA A ADESÃO E PERMANÊNCIA NA PRÁTICA DO HANDEBOL

Lana Maini Miranda
Mayara Soldati
Selva Maria Guimarães Barreto

DOI 10.22533/at.ed.67319111120

CAPÍTULO 21 201

NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA EM IDOSOS COM PÉ DIABÉTICO DE UM CENTRO
DE REFERÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS – MA

Gustavo Vale Rodrigues
Aluizio Pereira de Freitas Neto
Daniela Bassi Dibai
Adriana Sousa Rêgo
Mylena Andréa Oliveira Torres
Tatiana Cristina Fonseca Soares de Santana

DOI 10.22533/at.ed.67319111121

CAPÍTULO 22	211
O ESPORTE NO CONTEXTO ESCOLAR: A SUA UTILIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE COOPERAÇÃO ENTRE OS ALUNOS	
Luciano Barreto Lima	
DOI 10.22533/at.ed.67319111122	
CAPÍTULO 23	219
PANORAMA DAS INTERNAÇÕES POR DOENÇAS CARDIOVASCULARES NO BRASIL E IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL	
Áquila Matos Soares	
Laiane Meire Oliveira Barros	
Artur Guilherme Holanda Lima	
Rodrigo Ramos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.67319111123	
CAPÍTULO 24	224
PERFIL ANTROPOMÉTRICO DE ESTUDANTES DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA LOCALIZADA EM FORTALEZA	
Karen Vivian Pereira dos Santos	
Danilo Silva Alves	
Miguel Monteiro de Araújo Junior	
Maria Eliara Gomes Lima	
Stephane Karen de Sousa Saboya	
Ítalo Gomes de Souza	
Caio Oliveira Mota	
Adélia Lisboa Teles de Menezes	
Keven Pereira do Nascimento	
Brenda da Silva Bernardino	
Francisca Samila Mendes Carvalho	
Keila Renata Pereira Barroso	
DOI 10.22533/at.ed.67319111124	
CAPÍTULO 25	231
PERFIL DOS GESTORES DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO	
Deborah Duarte Palma	
Sabrina Fidalgo	
Paulo Costa Amaral	
Andreia Camila de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.67319111125	
CAPÍTULO 26	243
PRONTIDÃO PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA UTILIZANDO O <i>YOUNG PERSON'S 'PHYSICAL ACTIVITY READINESS' QUESTIONNAIRE - YPAR-Q</i> E ASPECTOS ANTROPOMÉTRICOS DE JOVENS PRATICANTES DE FUTEBOL	
Richardson Dylsen de Souza Capistrano	
Ginna Pereira Peixoto	
Déborah Santana Pereira	
Paulo Rogério Pimentel Brayner	
DOI 10.22533/at.ed.67319111126	

CAPÍTULO 27	256
RELAÇÃO DA SAÚDE ÓSSEA E CAPACIDADES FÍSICAS NOS JOVENS BRASILEIROS MEDALHISTAS DO CAMPEONATO PAN-AMERICANO DE BEISEBOL SUB-14 MÉXICO 2018	
Jesús Montenegro Barreto Miguel de Arruda	
DOI 10.22533/at.ed.67319111127	
CAPÍTULO 28	273
SISTEMAS TÁTICOS MAIS UTILIZADOS NA LIGA NACIONAL DE FUTSAL 2017	
José Augusto dos Santos Leal Luis Antônio Verdini Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.67319111128	
CAPÍTULO 29	283
TREINO MULTICOMPONENTE O EFEITO DE UM PROGRAMA DE TREINO DE FORÇA NA APTIDÃO FÍSICA E FUNCIONAL EM MULHERES IDOSAS	
Carolina Ferreira Morais Raimundo Auricelio Vieira Demétrius Cavalcanti Brandão Francisco José Félix Saavedra	
DOI 10.22533/at.ed.67319111129	
CAPÍTULO 30	295
VIVENCIANDO E ADAPTANDO O ESPORTE NA ESCOLA	
Juvenal dos Santos Borges Roberto Carlos da Costa Belini	
DOI 10.22533/at.ed.67319111130	
CAPÍTULO 31	302
VIVÊNCIAS DE USUÁRIOS DE CADEIRA DE RODAS COMO SER DANÇANTE	
Lionela da Silva Corrêa Leila Marcia Azevedo Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.67319111131	
CAPÍTULO 32	313
AS DOENÇAS NEUROLÓGICAS E AS ALTERAÇÕES POSTURAS	
Ayla Taynã da Silva Nascimento Carmen Silvia da Silva Martini	
DOI 10.22533/at.ed.67319111132	
CAPÍTULO 33	326
DESEMPENHO DOS TRABALHADORES NO TREINAMENTO DA VELOCIDADE E AGILIDADE PARA O VOLEI DE PRAIA	
Marcelo Alves de Freitas Raimundo Auricelio Vieira José Roberto Jacob Francisco José Félix Saavedra Demétrius Cavalcanti Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.67319111133	

CAPÍTULO 34	335
ANÁLISE DE FORÇA E FLEXIBILIDADE NAS RELAÇÕES MECÂNICAS ENTRE A CADEIA PÓSTERO-INFERIOR E A ANTERO-SUPERIOR	
Renata Magnus dos Santos	
Eslaine Neto da Silveira	
Natacha dos Santos Meira	
Kristian Madeira	
Willians Cassiano Longen	
DOI 10.22533/at.ed.67319111134	
CAPÍTULO 35	347
DESAFIOS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA NA IMPLEMENTAÇÃO DOS CUIDADOS PALIATIVOS ÀS PESSOAS IDOSAS: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	
Monyka Brito Lima dos Santos	
Maria Josenice Carvalho Oliveira	
Maria Santana Soares Barboza	
Clenny Rejane Costa Simão	
Tatiana Monteiro Coutinho	
Sildália da Silva de Assunção Lima	
Aida Patrícia da Fonseca Dias Silva	
Luciana Magna Barbosa Gonçalves de Jesus	
Giuvan Dias de Sá Junior	
Jayra Adrianna da Silva Sousa	
Jainara Maria Vieira Galvão	
Magda Wacemberg Silva Santos Souza	
DOI 10.22533/at.ed.67319111135	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	357
ÍNDICE REMISSIVO	358

VIVÊNCIAS DE USUÁRIOS DE CADEIRA DE RODAS COMO SER DANÇANTE

Lionela da Silva Corrêa

Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de
Educação Física e Fisioterapia
Manaus – Amazonas

Leila Marcia Azevedo Nunes

Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de
Educação Física e Fisioterapia
Manaus – Amazonas

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi desvelar as vivências de usuários de cadeira de rodas como ser dançante. Trata-se de um estudo de caso com 08 sujeitos participantes do projeto DEPD, para coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada, em que foi gravada, transcrita e depois analisada por meio da análise de conteúdo. Percebemos que muitos dos participantes não conheciam a modalidade de dança em cadeira de rodas, mas sentiam vontade de dançar, seja por curiosidade ou por vontade de praticar diferentes tipos de atividade visando a qualidade de vida. A maioria dos entrevistados destacou a dança como importante e como uma experiência única e agradável, ressaltando benefícios como: manuseio da cadeira, o aprendizado da dança em si e de diferentes ritmos, construção de novas amizades, melhora na timidez, aceitação do corpo além da experiência de se apresentar em público, destacando a importância da vivência

na dança pelos entrevistados. As formas como eles relataram sua trajetória na dança e o que achavam em relação ao deficiente físico dançar, mostrou a preocupação em como a sociedade os veem, sendo também uma descoberta de um novo “eu, ser dançante”.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Esporte para Deficientes. Dança. Pessoa com deficiência.

EXPERIENCES OF WHEELCHAIR USERS LIKE BEING DANCING

ABSTRACT: The purpose this study was unveil experiences of wheelchair users like being dancing. This research is a case study. Eight persons using a wheelchair participated in this research. For data collection, the semi-structured interview was used, in which it was recorded, transcribed and then analyzed through content analysis. The results showed that many participants did not know about wheelchair dance, but felt like dancing, perhaps out of curiosity or the desire to practice different types of activity aiming the quality of life. Most of the interviewees emphasized dance as important and as a unique and enjoyable experience, emphasizing benefits such as: handling the chair, learning the dance itself and different rhythms, building new friendships, improving shyness, accepting the body beyond

Experience of presenting in public, highlighting the importance of the experience in the dance by the interviewees. The way they reported their dance trajectory and what they felt about the physically handicapped dancer, showed concern about how society sees them, and a discovery of a new “I, being dancing”.

KEYWORDS: Special education. Sports for the disabled. Dance. Disabled person.

1 | INTRODUÇÃO

A dança para pessoas com deficiência, segundo Braga et al. (2002, p. 154), “teve seu início na Suécia, Alemanha e na Grã-Bretanha ao término da década de 1960, e se estabeleceu em outros países por volta da década de 1970”.

Para cadeirantes a dança pode ser inclusiva ou esportiva: é inclusiva quando apresenta aspecto artístico, buscando a inclusão social; e define-se como esportiva quando possui aspecto competitivo em que estão inclusos na atividade um deficiente físico usuário de cadeira de rodas e um parceiro sem deficiência que o auxilia na dança (OLIVEIRA et al., 2011).

No Brasil a dança em cadeira de rodas iniciou a partir de 1990, sendo desenvolvida por grupos independentes vinculados às Universidades, Associação de Deficientes, Prefeituras Municipais, de Reabilitações e algumas Escolas de Dança (FERREIRA; FERREIRA, 2004)

Como atividade física, a dança pode trazer muitos benefícios para as pessoas com deficiência, melhorando as capacidades físicas e psicológicas, contribuindo assim para o resgate da autoestima e autoimagem, promovendo a melhora do relacionamento da pessoa consigo mesmo, com as outras pessoas e com o mundo.

Dentre os benefícios, apontados por Braga et al. (2002) estão a expressão de sentimentos; interação interpessoal e intrapessoal, inclusão social; melhora e manutenção da qualidade de vida; melhora das capacidades físicas como equilíbrio, coordenação motora e flexibilidade; além da melhora dos aspectos psicomotores como organização espacial, esquema corporal e ritmo.

Nesse contexto a dança pode proporcionar diferentes vivências, transcendendo os movimentos praticados nas aulas, podendo ganhar diferentes significados para quem dança. Pois, de acordo com Gaio (2006) a dança permite movimentos espontâneos que surgem pelo desejo de comunicar-se por meio dos gestos e expressões que provêm de sentimentos, valores, dificuldades e prazeres da vida. Além disso, mais que uma simples coreografia, a dança nos leva ao encontro com o outro, ela constrói realidade social, cultural, política; enfim, aborda uma temática voltada as transformações da própria existência humana, e por esse motivo é considerada subjetiva. Portanto o objetivo desse estudo foi desvelar as vivências de usuários de cadeira de rodas como ser dançante no projeto dança esportiva para pessoas com deficiência.

2 | METODOLOGIA

Esse estudo é caracterizado como um estudo de campo, por buscar informações e atitudes dos cadeirantes em relação às suas vivências em dança, de natureza descritiva que segundo Gil (2006) tem a finalidade de descrever as características de determinado grupo ou fato, ou ainda estabelecer as relações entre variáveis.

Teve uma abordagem qualitativa, em que à mesma descreveu significados que são socialmente construídos, e por isso é definida como subjetiva. Segundo Tanaka e Melo (2001) a pesquisa qualitativa tem características não estruturadas, é rica em contexto e enfatiza as interações. Mynaio (2001, p. 24) destaca que a pesquisa qualitativa “busca compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que por sua vez são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos”.

O método de investigação foi a história oral, que segundo Triviños (1987 apud SAROA, 2005, p. 17) “ao mesmo tempo em que permite a intervenção do investigador, oferece subsídios para uma participação livre e espontânea do entrevistado”. De acordo com Saroa (2005) a história oral é uma técnica muito usada em pesquisas sociais, permite coletar dados ainda não registrados em documentos escritos, buscando junto à pessoa entrevistada, fatos relevantes sobre o tema em pauta. A história oral busca as memórias e recordações de gente viva sobre seu passado, colhida por meio de entrevistas.

2.1 Participantes

O estudo foi realizado com oito participantes cadeirantes, de 12 a 44 anos, do projeto de extensão Dança esportiva para pessoas com deficiência – DEPD, da Faculdade de educação física e fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas. O DEPD teve início em 2014 oferecendo dança para pessoas com deficiência dividida em três grupos: deficiência intelectual, deficiência visual e deficiência física/cadeirantes que tem por objetivo proporcionar o desenvolvimento das potencialidades motoras e expressivas de pessoas com deficiência através da prática da dança, possibilitando a compreensão da estrutura e do funcionamento corporal, o autoconhecimento, a autoestima, a socialização, além das experiências e vivências como ser dançante.

2.2 Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio da entrevista que é um encontro entre duas pessoas a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto. “É um processo utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 178).

Existem vários tipos de entrevistas que varia de acordo com o objetivo do entrevistador. Optamos pela entrevista semiestruturada por ser mais usual no

trabalho de campo, onde também se cria uma relação de interação, havendo uma reciprocidade entre quem pergunta e quem responde.

As entrevistas foram realizadas em uma sala reservada do próprio projeto de dança em que estavam presentes pesquisador e participante a fim de deixar o entrevistado (participante) mais a vontade para responder as perguntas. As entrevistas foram gravadas e transcritas, conservando-se as expressões de linguagem utilizadas pelos entrevistados.

As etapas da coleta de dados foram:

I. Aprovação junto ao comitê de ética – A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética de seres humanos da Universidade Federal do Amazonas, sob o nº. CAAE 44563015.0.0000.5020.

II. Contato com os sujeitos de pesquisa – Após aprovação, o convite aconteceu durante os encontros no projeto DEPD, as pesquisadoras realizaram o convite pessoalmente e na oportunidade explicaram os objetivos da pesquisa por meio da leitura do termo de consentimento e livre esclarecimento - TCLE. Aqueles que aceitaram participar assinaram o TCLE, e os responsáveis no caso dos menores de idade.

III Entrevista - Após o aceite para participar da pesquisa, foi marcado as datas para a coleta de dados, por meio de entrevista, que aconteceu individualmente em uma sala do projeto, em que estavam presentes apenas o sujeito da pesquisa e o pesquisador. No qual responderam as seguintes perguntas:

- a) Conte como foi sua história com a dança, desde quando soube do projeto DEPD, o que pensava sobre dançar e sua trajetória no projeto.
- b) Qual sua opinião em relação a pessoas usuárias de cadeiras de rodas dançar.

IV Análise dos dados

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebemos a partir da análise dos dados que muitos dos participantes não conheciam a modalidade de dança em cadeira de rodas ou, se conheciam, nunca tiveram a oportunidade de praticar talvez por isso muitos acreditavam que era impossível um cadeirante dançar, conforme podemos perceber nos relatos a seguir:

P1. Até então eu não conhecia a dança, eu vi através de uma revista as pessoas dançando de cadeiras de rodas e daí eu tinha a esperança de dançar também e aí eu fui pro PROAMDE, lá tinha um grupo de dança e aí eu participei e gostei, ganhei medalha e fiquei muito feliz.

P2. Bom...pra começar vou começar contando um pouco da minha história sobre a dança. Antes do projeto não tive, assim... não tinha nenhuma intimidade com a dança não, porque nunca tinha visto, não... nunca tive assim aquela, como é que

eu posso dizer, aquela experiência de dançar. Então, quando o projeto surgiu, eu tô desde o começo.

P3. No começo eu achei melhor não, e eu pensava tipo assim que nós de cadeira de rodas não sabíamos dançar direito, aí quando eu fui vendo como vocês dançavam, fui achando legal, daí eu participei...gostei, eu não sabia dançar.

P.4 Olha o projeto da dança, é um projeto muito bom, eu jamais imaginaria a me adaptar na cadeira de rodas, mas foi uma experiência única e boa.

P.6. No início eu não achava muito legal essa ideia de dança. Num certo tempo eu resolvi fazer dança e comecei a gostar, e não parei mais

P8. Eu não sabia e nem sabia noção como é que era, comecei a dançar, foi uma melhora muito boa.

Esse resultado na nossa sociedade já se era esperado uma vez que para a pessoa com deficiência, mais especificamente a deficiência física, dançar muitas vezes pode se apresentar como uma atividade irrealizável, uma vez que a deficiência sempre foi vista como sinônimo de limitação ou improdutividade. Segundo Ferreira e Ferreira (2004) a cadeira de rodas, dentro do processo cultural, é considerada na sociedade algo inconveniente ou inferior.

Apesar do avanço da medicina, de acordo com Pacheco e Alves (2007), que favoreceu uma leitura organicista da deficiência, o preconceito, embora muitas vezes apareça com outra configuração, ainda ocorre nos tempos atuais.

Na perspectiva das diferenças, muitas pessoas são excluídas pela sociedade por não apresentarem padrões estéticos ideais. A sociedade, segundo Buscaglia (1997), define a deficiência como uma inabilidade, algo não desejável; e geralmente considera a pessoa com deficiência como aquela que possui dificuldades maiores do que as realmente existentes, já que os padrões de beleza e perfeição já estão pré-definidos socialmente.

A deficiência muitas vezes isola a pessoa do mundo tanto no que diz respeito a sua participação, quanto à compreensão dos fatos. Segundo Pacheco e Alves (2007) o preconceito frente à pessoa com deficiência pode gerar sentimentos de baixa autoestima, dificuldades nos relacionamentos afetivos e sociais, prejudicando a qualidade de vida destas pessoas.

Apesar disso muitos sentiam vontade de dançar, seja por curiosidade ou por vontade de praticar diferentes tipos de atividade visando a qualidade de vida, e viram no projeto DEPD uma oportunidade para isso, conforme a seguir:

P1. Eu sentia muita vontade de dançar

P5. Eu queria saber como era esse negócio dessa dança, daí eu vim.

P7. Estava bastante interessado em ter bastante atividade física porque eu tive um período muito de ficar parado, aí eu resolvi entrar lá no projeto.

Tolocka (2006, p. 45) diz que “a dança é uma atividade motora que pode proporcionar ricas experiências e auxiliar no desenvolvimento humano. Logo, o processo de ensino e aprendizagem na dança deve levar em consideração as diferenças existentes entre as pessoas”.

A pessoa com deficiência geralmente não tem possibilidade de participação em atividades rítmicas, pois nem todas as escolas ou profissionais da área aceitam trabalhar ou sentem-se capazes de ensinar essa clientela, uma vez que na sociedade há uma valorização das limitações do deficiente, esquecendo suas reais potencialidades. Por isso que a participação no projeto DEPD pode ser considerado muito importante para os cadeirantes.

Apesar de alguns começarem a praticar por insistência de terceiros como amigos e parentes a maioria dos entrevistados destacou a dança muito importante e uma experiência única e agradável, destacando também benefícios como: manuseio da cadeira, o aprendizado da dança em si e de diferentes ritmos, construção de novas amizades, melhora na timidez, aceitação do corpo além da experiência de se apresentar em público.

P2. Foi uma experiência inovadora, agradável, porque além de você aprender ritmos novos, ter parceiros alegres, você pode ser além da cadeira porque muitos cadeirantes dizem que não vão pra show, não vão pra casa de forró, balada porque vou ali ficar parado...não!!! Então a gente já sabe que pode dançar, do nosso modo, mas já pode.

P3. Eu fui aprendendo, eu fui evoluindo junto com a dança, fui evoluindo com o tempo dançando, foi muito importante pra mim a dança aqui.

P6. A minha mãe ficou insistindo pra mim dançar.... Eu fiz muitas apresentações, amizade também e ainda eu continuo e é isso...eu gosto da dança.

P7. Foi muito bom porque ajudou até nessa questão pra me soltar um pouquinho, a questão do complexo que eu tinha e isso me ajudou nessa questão. Tenho complexo comigo mesmo, tenho complexo com meu corpo e eu tenho esse complexo de não me aceitar ainda, e agora melhorou bastante... me ajudou também foi com o manuseio da cadeira, me ajudou bastante

P8. Desde quando eu comecei a dançar, eu fiquei muito mais ágil na cadeira e o meu movimento já foi muito bom.

Destaca-se a importância da vivência na dança pelos entrevistados, já que não é apenas uma questão de aprender passos ou coreografias. A forma como cada um aprende, também reflete em outras esferas e dimensões do corpo do sujeito, ou seja, a dança utiliza muito os movimentos de rotação, agilidade e destreza, e isso reflete no deficiente físico a sua melhora no manuseio de sua cadeira, facilitando na sua locomoção diária, na sua postura

Segundo Bernabé (2001), a dança sobre rodas tem por finalidade permitir que as pessoas que acabaram de ser acometidas por uma deficiência física, e que passarão a usar cadeira de rodas, possam desenvolver o seu próprio conceito sobre locomoção já que essa passa a ter um novo significado em suas vidas.

Em relação a timidez e o enfrentar o público, na dança isso também é trabalhado, uma vez que se trata de uma atividade exibicionista, se aprende um ritmo, cria-se uma coreografia e então têm que exteriorizar tudo que foi vivenciado durante esse processo de aprendizado. Os sujeitos entrevistados relataram essa vivência, pois eu nunca havia se imaginado enfrentando um público que não estivessem olhando para

eles por causa da deficiência, mas pela sua arte.

A arte pode neste caso, assumir um importante papel como facilitadora de comunicação. Ela oferece ao indivíduo novas formas de expressão de suas ideias e sentimentos e ainda, possibilita a aquisição de novos conceitos (MESQUITA; ZIMMERMANN 2006).

A arte/dança segundo Tolocka e Verlengia (2006) assume um caráter plural onde se procura dançar possibilidades de interações corporais e sociais, além de ser utilizada como forma de lazer, educação de movimento, terapia e arte.

Segundo Luiz e Araújo (2003, p. 28) a comunicação na dança que acontece por meio da linguagem corporal, possibilita o registro do real, do simbólico e do imaginário, “interligando os objetivos que articulam o corpo simbólico ao corpo imaginário por meio do corpo real”. E ainda segundo os autores o desenvolvimento da linguagem na dança permite a manifestação da individualidade da pessoa com deficiência além de um autoconhecimento, que se manifesta de dentro para fora e de fora para dentro.

Em relação a opinião dos sujeitos sobre a pessoa usuária de cadeira de rodas dançar, um participante afirmou que não achava legal até ele começar a dançar. Essa afirmativa é comum quando não conhecemos sobre algo, muitas vezes temos preconceito daquilo que a princípio é desconhecido.

P6. Não gostava da ideia de dançar até eu entrar para o projeto

Em se tratando de pessoas com deficiência, usuárias de cadeira de rodas, o receio de se envolver em atividades rítmicas pode ser maior, pois muitas nunca experimentaram participar de atividades envolvendo o ritmo, uma vez que na sociedade valoriza a deficiência e não a pessoa. De acordo com Braga et al. (2002) o preconceito favorece a auto exclusão da pessoa com deficiência no contexto social, restringindo sua participação nas atividades consideradas comuns, como o simples fato de dançar.

Outro participante destacou que dançar é uma experiência diferente, mas também boa e que qualquer pessoa pode dançar inclusive os cadeirantes, também foi destacado que apesar de ouvirem dizer que não é fácil, perceberam que com a prática é possível. Além disso segundo os participantes a dança proporciona novas habilidades além daquelas usadas diariamente, por isso é importante saber manusear a cadeira de rodas.

P.1 É diferente das outras normais, pra mim é uma coisa muito boa, diferente e normal. Não acho difícil dançar não, e as professoras ajudam bastante né, o aprendizado de dançar em cadeira de roda não fica tão difícil.

P2. A pessoa que usa a cadeira de roda para dançar, vai fazer movimentos totalmente diferentes do que você usa na sua vida diária. Então, lá já tem que saber pelo menos girar, pelo menos...ter uma convivência boa com a cadeira de dança, porque a cadeira de dança é diferente da nossa, então você tem que saber manuseá-la, como dançar nela.

P4. Dizem que não é fácil... é fácil sim, se você quiser e tiver força de vontade,

primeiro em Deus, você consegue

P5. A pessoa pode dançar sim, não tem nada a ver, dançar é importante para pessoa

P8. Não basta só a gente fazer os movimentos da cadeira, tem que aprender mais coisas ainda, a dança melhora as coisas.

Nessa perspectiva percebemos que para realizar um trabalho em dança para pessoas com deficiência física, usuárias de cadeira de rodas, é necessário levar em consideração as possibilidades de movimentação com a cadeira, sendo esta movimentação dentro de um ritmo. A cadeira de rodas nesse sentido transforma-se em um elemento da dança.

Os participantes também destacam que participar de atividades de dança é importante para a sociedade em geral perceber que os cadeirantes podem dançar como qualquer outra pessoa, além disso ajuda na melhora da autoestima, na aceitação e a perceber suas potencialidades, além de melhorar o condicionamento físico.

P1. As pessoas são acostumadas a ver pessoas que só dançam de pé, e quando tem de cadeira de roda ficam vendo uma coisa diferente das outras.

P3. Porque as pessoas vão vendo que também nós podemos dançar e que nós não somos diferentes de uma outra pessoa.

P4. É um projeto que estimula muito a gente a uma nova vida, porque a gente vem de um mundo diferente para esse que nós estamos na dança

P7. Ajuda muito na autoestima da pessoa... na questão de forma física, e na própria questão de me aceitar porque antes eu não me aceitava... aprender a enfrentar o público, enfrentar as pessoas porque eu tinha problema de enfrentar as pessoas, eu nunca tinha me deparado com a situação de ter uma plateia na minha frente me vendo apresentar.

Quando se pensa em dança para a pessoa com deficiência física, em que se incorpora um elemento constituído de significados, no caso a cadeira de rodas, ela traz consigo as marcas da história, que é vista de forma negativa (FERREIRA; FERREIRA, 2004). Por isso que muitos acreditam ser uma prática impossível.

No entanto, de acordo com Ferreira (2002) um dos objetivos da dança em cadeira de rodas é melhorar a capacidade de manejar a cadeira no ritmo da música. Assim, segundo Ferreira (2001), as atividades rítmicas, aplicadas durante as aulas visam desenvolver a atenção, a sensibilidade e o movimento espontâneo.

Em se tratando de técnica de dança, de acordo com Ferreira e Ferreira (2004), as diversas danças foram utilizadas:

[...] em função de ampliar o conhecimento acerca da linguagem do movimento, e de servir de instrumento facilitador para a descoberta de habilidades motoras específicas. Dessa forma a aquisição das habilidades específicas da dança não foi imposta por uma determinada técnica, mas foi adquirida por um método em que o dançarino pode determinar o seu processo de descoberta do conhecimento corporal (FERREIRA; FERREIRA, 2004, p. 14).

Na dança-arte não existe classificação e os dançarinos criam suas performances de acordo com suas possibilidades. Segundo Ferreira (2001) na dança artística os

princípios da dança moderna são enfatizados, sendo que o trabalho com elementos Forma, Espaço, Ritmo e movimento são considerados fundamentais.

Além disso de acordo com Mauerberg-Castro (2005), a dança pode proporcionar diferentes benefícios às pessoas com deficiência, dentre eles destaca: o desenvolvimento dos aspectos motores (pois ajuda a reabilitar o gesto motor, melhora a postura, coordenação, movimento articular e ritmo); intelectuais (com o desenvolvimento da memória); e psicossociais (favorece a autoconfiança, melhora a imagem corporal, aperfeiçoa a comunicação, a cooperação e a inter-relação pessoal, além de promover a qualidade de vida).

Para Barreto e Ferreira (2011, p. 9) “a dança é a linguagem universal do corpo, inclusive do corpo deficiente. Através dela as pessoas podem expressar sentimentos, e transpor barreiras”. Nesse sentido, a dança em cadeira de rodas é uma prática esportiva que tem se tornado um componente do processo de reabilitação, podendo trazer vários benefícios para seus praticantes, tais como: Físicos (postura, equilíbrio e tônus muscular) e psicológicos (a melhora da imagem corporal e da autoestima).

De acordo com Tavares (2003) as atividades corporais sejam elas artísticas ou esportivas, despertam novas percepções e ampliam as possibilidades de movimentação, além de oportunizar novas alternativas de escolhas em diferentes situações de vida, causando um dinamismo no processo de construção da imagem corporal.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo percebemos como cada sujeito expressou sua trajetória na dança, o que eles pensavam em relação ao deficiente físico dançar, a quebra de paradigmas, e as diversas possibilidades da dança sobre rodas. Assim, ao se descobrir como ser dançante os sujeitos perceberam-se como pessoas com potenciais tanto físico como social. Para os sujeitos a dança possibilitou movimentos para além daqueles usados no cotidiano, ou seja, na dança o deslocamento na cadeira não é apenas um deslocamento, mas um processo capaz de levar o ser dançante a infinitas possibilidades: o ato de se comunicar, de se expressar, de representar, de levantar barreiras ao romper defesas internas e externas. Nesse contexto a dança pode proporcionar diferentes vivências, transcendendo os movimentos praticados, podendo ganhar diferentes significados para quem dança.

REFERÊNCIAS

BARRETO, M. A.; FERREIRA, E. L. Dança esportiva em cadeira de rodas: a história contada pelas vozes de quem dança. *Revista de história e estudos culturais*, Juiz de Fora, v. 8, n. 3, p. 1-10, 2011.

BERNABÉ, R. *Dança e deficiência: proposta de ensino*. 2001. 115 f. Dissertação (mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas,

2001.

BRAGA, M. D. et al. Benefícios da dança esporte para pessoas com deficiência física. *Revista Neurociência*, São Paulo, v.10, n. 3, p.153-157, 2002

BUSCAGLIA, L. *Os deficientes e seus pais: Um desafio ao aconselhamento*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

FERREIRA, E. L. Proposta metodológica para o desenvolvimento da dança em cadeira de rodas. *Revista Conexões*, Campinas, v. 1, n. 6, p. 37-46, 2001.

FERREIRA, E. L. *Dança em cadeira de rodas: os sentidos dos movimentos na dança como linguagem não-verbal*. Curitiba: ABRADÉCAR, 2002.

FERREIRA, E. L.; FERREIRA, M. B. A possibilidade do movimento corporal na dança em cadeira de rodas. *R. bras. Ci. e Mov.* Brasília, v. 12, n. 4, p. 13-17, 2004.

GAIO, R. *Dança, diversidade e inclusão social: sem limites para dançar*. In: TOLOCKA, R.E; VERLENGIA, R. (Orgs). *Dança e diversidade humana*. Campinas: Papyrus, 2006.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas da pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LUIZ, T. R. B.; ARAÚJO, P. F. Avaliação de um programa de atividade rítmica adaptada para variação dos parâmetros de velocidade do ritmo para pessoas surdas. *R. bras. Ci. e Mov.* Brasília, v. 11 n. 3 p. 27-32, 2003.

MAUERBERG-CASTRO, E. *Atividade física adaptada*. Ribeirão Preto: Tecmed, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamento de metodologia científica*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MESQUITA, K.; ZIMMERMANN, E. Dança: Estímulo ao desenvolvimento de crianças portadoras de deficiência mental. *Revista Digital Art&*. Ano IV, n. 5, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-05/trabalhos/01.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, G. A. S. et al. *Dança em cadeira de rodas*. In: Simpósio de Ensino de Graduação UNIMEP, 9, 2011, Piracicaba. Anais eletrônicos... Piracicaba: UNIMEP, 2011. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/9mostra/4/33.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

PACHECO, K. M. B.; ALVES, V. L. R. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. *Acta fisiatra*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 242-248, 2007.

SARÔA, G. *A História da Ginástica Rítmica em Campinas*. 2005. 140 f. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

TANAKA, O.; MELO C. *Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente: um modo de fazer*. São Paulo: Edusp, 2001.

TAVARES, M. C. G. C. F. *Imagem corporal: conceito e desenvolvimento*. Barueri: Manole, 2003.

TOLOCKA, R. E; VERLENGIA, R. (orgs). *Dança e Diversidade Humana*. Campinas, SP: Papyrus,

2006.

TOLOCKA, R.E. *Aprendizagem e dança com grupos heterogêneos*. In: TOLOCKA, R.E e VERLENGIA, R.(org) *Dança e diversidade humana*. Campinas. Papirus: 2006.

SOBRE O ORGANIZADOR

Edvaldo de Farias - Pós-Doutoramento em Economia e Gestão na Universidade da Beira do Interior (UBI)/Portugal (em andamento). Doutor (Ph.D.), em Ciências do Desporto na Universidade de Trás os Montes e Alto Douro/UTAD-Portugal. Mestre em Educação/UNESA. Especialização em Pedagogia do Movimento Humano/UGF. MBA Intensivo em Gestão Estratégica/AMANA-KEY. Especialização em Gestão de RH/UGF. Especialização em Educação Física/UGF. Graduação em Educação Física/UCB. Docente e Pesquisador Adjunto VI da UNESA. Professor da Pós-Graduação em Gestão de Negócios em Empresas *Fitness & Wellness*, Empreendedorismo e Consultoria em Estética - UNESA/ Phorte Educacional. Experiência em diferentes áreas da Educação, Educação Física e em atividades relacionadas à saúde e qualidade de vida, com ênfase na Administração e Gestão de Negócios, Empreendedorismo, Orientação e Planejamento da Carreira Profissional. Atua como orientador de pesquisas e consultor nas áreas de: Educação Corporativa, Empreendedorismo, Gestão de Negócios em Saúde, Atividade Motora Adaptada, Treinamento e Desenvolvimento Profissional, Fitness Corporativo e Universidades Corporativas. Palestrante em eventos nacionais e internacionais nas áreas de gestão de negócios e carreira profissional, pensamento empreendedor e inovação. Publicações relevantes em periódicos nacionais e internacionais. Sócio-Diretor da empresa Movimento Humano Consultoria & Assessoria. Docente convidado da Escola Superior de Polícia Militar do Rio de Janeiro no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais - CAO. Coordenador de Projetos na área de Soluções Corporativas da Universidade Estácio de Sá. Docente convidado e Coordenador de Projetos na ECEME - Escola de Comando do Estado Maior do Exército Brasileiro. Avaliador *Ad Hoc* do Ensino Superior pelo INEP (BASIS). ORCID: 0000-0002-9660-4014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 13, 14, 15, 18, 19, 114, 213, 295, 297, 300
Adesão 95, 99, 133, 137, 138, 139, 160, 161, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 226
Adiposidade 46, 51, 152, 221, 229, 285, 287
Alzheimer 11, 30, 325
Antropometria 53, 224, 226, 229, 253, 258, 271, 283
Atividade enzimática 30
Atividades de aventura 160, 162, 166
AVDs 65, 71, 74, 223, 315, 317, 321, 322, 323

C

Cadeirantes 303, 304, 307, 308, 309
Cafeína 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
Capacidades físicas 126, 134, 182, 183, 194, 256, 259, 260, 261, 267, 268, 269, 291, 303
Cardiovasculares 45, 55, 219, 221, 226, 248, 249, 254, 285, 290, 291, 294
Ciclismo 8, 9, 10, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167
Composição corporal 20, 25, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 92, 94, 95, 98, 203, 244, 245, 247, 253, 254, 255, 258, 259, 270, 272, 283, 285, 287, 288, 289, 291, 292, 293
Cooperação 88, 171, 172, 182, 190, 191, 211, 215, 216, 217, 310

D

Dança 23, 80, 105, 116, 129, 187, 212, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 324, 334
Deficiência intelectual 65, 66, 67, 69, 71, 74, 304
Desenvolvimento psicomotor 24
Diabetes 34, 45, 48, 54, 55, 56, 97, 133, 136, 143, 151, 201, 202, 203, 208, 209, 210, 250

E

Educação física 1, 11, 13, 16, 23, 44, 54, 55, 58, 63, 64, 65, 69, 70, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 90, 91, 92, 99, 101, 114, 121, 125, 130, 131, 139, 153, 155, 159, 168, 169, 170, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 199, 200, 208, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 224, 232, 234, 235, 237, 239, 241, 242, 244, 245, 255, 256, 268, 269, 270, 271, 272, 280, 281, 293, 295, 296, 297, 300, 301, 302, 304, 310, 311, 313, 317, 322, 324, 325, 334, 357
Educação infantil 126, 127, 128, 130, 131, 132, 159, 182, 192, 218, 300
Ensino médio 167, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 235, 301, 325
Envelhecimento 134, 136, 138, 139, 201, 202, 219, 220, 223, 284, 285, 290, 291, 293, 294, 314, 315, 316, 349
Esportes 12, 16, 50, 53, 63, 64, 67, 79, 80, 88, 125, 160, 161, 166, 169, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 190, 191, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 240, 241, 250, 252, 269, 270, 281, 295, 296, 297, 301
Esteroides anabolizantes 25, 26, 28, 29
Exercícios físicos 45, 46, 139, 190, 198, 249, 250, 251, 292, 321, 322

F

Funcionalidade 26, 140, 142, 149, 150, 162, 213, 314, 321, 322

Futebol 6, 8, 55, 61, 62, 63, 170, 174, 177, 178, 179, 188, 212, 217, 236, 243, 246, 250, 252, 254, 280, 295, 296, 300, 328, 329, 334, 345

Futsal 49, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177, 178, 179, 187, 188, 189, 190, 232, 236, 251, 255, 273, 274, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 334

G

Gestores 115, 120, 121, 158, 231, 233, 234, 235, 240, 242

H

Hemodinâmica 142, 248

I

Idosos 116, 118, 137, 138, 139, 149, 150, 151, 152, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 220, 221, 223, 248, 283, 284, 285, 292, 294, 347, 348, 349, 352, 353, 354, 355, 356

Inclusão 3, 26, 27, 44, 46, 48, 53, 72, 75, 88, 95, 99, 101, 118, 119, 122, 123, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 182, 184, 187, 201, 203, 211, 216, 217, 283, 286, 303, 311, 351

J

Jogo 8, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 80, 165, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 181, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 212, 215, 216, 217, 259, 273, 274, 277, 279, 280, 281, 295, 297, 298, 299, 328

Jovens 29, 46, 53, 54, 55, 62, 67, 69, 70, 74, 87, 98, 116, 118, 119, 125, 150, 158, 168, 170, 178, 191, 195, 199, 215, 234, 237, 239, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 261, 263, 266, 268, 269, 272, 345

M

Melatonina 30, 31

Metodologia 18, 20, 23, 30, 57, 64, 67, 91, 107, 119, 125, 139, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 176, 177, 180, 185, 186, 192, 194, 200, 216, 218, 221, 227, 243, 246, 256, 258, 260, 280, 281, 286, 297, 304, 311, 329, 334, 337, 349

Motivacional 195

Mulheres 74, 92, 95, 97, 109, 114, 140, 143, 146, 148, 150, 151, 198, 235, 283, 285, 286, 290, 291, 293, 294, 336

N

Natação 7, 8, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 67, 69, 70, 74, 75, 232

Nutrição 12, 24, 99, 100, 223, 224, 229, 230, 254, 293, 294

P

Pedagogia 168, 176, 177, 179, 200, 213, 218, 311, 357

Performance 1, 2, 3, 11, 12, 62, 66, 99, 100, 102, 117, 127, 168, 193, 211, 213, 244, 254, 257, 271, 272, 283, 290, 294, 326, 334

Políticas públicas 115, 116, 117, 118, 134, 156, 158, 250

Prevenção 50, 51, 53, 99, 106, 114, 138, 188, 201, 203, 209, 219, 221, 223, 226, 230, 285, 323, 324, 345, 355

Propriocepção 13, 14, 17, 19, 20, 22, 23, 67, 68, 322

R

Retenção 234, 293, 294

S

Saúde mental 31, 65, 74, 88, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 184

Saúde óssea 256, 257, 258, 259, 260, 261, 265, 267, 268, 269

Síndrome de down 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 74, 75

Sistêmico 168, 169, 174, 175

Subjetividades 160, 161, 162, 166, 167

Superóxido dismutase 30, 31

T

Táticas 88, 171, 172, 173, 174, 213, 333

Tradicional 86, 90, 93, 98, 102, 104, 106, 157, 168, 169, 170, 172, 173, 215, 327

Treinamento de força 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 98, 292, 293, 324

Treinamento intervalado 92, 93, 94, 98, 100

Y

YPAR-Q 243, 244, 246, 247, 252

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-767-3



9 788572 477673